



A OBRA DE ARTE: PROCESSO DE CRIAÇÃO COMO REDE

Renata Carvalho Oliveira Zambom
rekaroli@gmail.com

Naiara Cristina Gonçalves Rocha
nanairocha@gmail.com

Muryllo Rhafael Lorensoni
mlorensoni@hotmail.com

UFMT- UNIRONDON

ISSN 2316-6479

Resumo

A proposta deste texto percorre os caminhos da arte contemporânea e direciona o olhar para os processos de criação que permeiam esta produção; configura-se ainda como parte de uma dissertação que versa sobre a poética contemporânea, os novos formatos e materiais presentes na produção artística no estado de Mato Grosso. Deste modo serão aqui apresentados os primeiros apontamentos realizados a fim de compreender os processos de criação como rede e perceber as transformações no decorrer da produção, características estas próprias à poética de cada artista e a toda uma época.

Palavras-chave: Arte contemporânea, Processo de criação, Mato Grosso, Poéticas

Abstract

The purpose of this article shows the paths of contemporary art and directs the eye to the creative processes which permeate this production; It also sets as part of a dissertation that focuses on the contemporary poetic, the new shapes and materials present in the artistic production in Mato Grosso. Thus shown here will be the first appointments made to understand the processes of creation as network and understand the changes in the course of production, these very characteristic to the poetics of each artist and a whole epoch.

Keywords: Contemporary art, process creation, MatoGrosso, Poetics

Introdução

As produções artísticas contemporâneas transitam por diversos universos, utilizam-se de linguagens variadas, e surpreendem, sobretudo na variedade de materiais que são utilizados em sua composição. Porém há de se considerar que esta não é uma novidade do século XXI, pois ainda nos anos 20 e 30 nos deparamos com obras de Kurt Schwitters, um alemão que conforme Campos (1975, p.35) trata em seus trabalhos da “redescoberta do mundo perdido dos objetos – a parafernália de detritos, lascas, aparas, ferros velhos, cacos de vidro, jornais, impressos sem uso etc., que são o lastro rejeitado pela vida moderna em seu trânsito cotidiano...”. Tomando ainda outro exemplo, nos anos 60 e 70 temos as produções de Joseph Beuys que fala de um mundo de sobras, de restos e de elementos variados trazidos do cotidiano; o artista recusa o recurso da beleza e valoriza o intenso como elemento



marcante em suas produções. Nos dois casos a beleza é retirada da intensidade da vida, do cotidiano, ela é então recodificada e compartilhada.

As produções e seus diversos modos de fazer e formar vão além das expectativas convencionais e não se esgotam, pois a cada dia algo novo é apresentado, produzido, ou seja, uma expansão de formas de expressão artística, de variedades de linguagens e materiais. Surge assim, também, um novo desafio que diz respeito às maneiras de se pensar e se produzir.

A temática proposta neste texto percorre os caminhos da arte contemporânea e direciona o olhar para os processos de criação que permeiam a produção da arte de nosso tempo. De início apresentamos uma breve conversa sobre a poética contemporânea para então, a partir do acompanhamento da produção da artista Lara Donatoni Matana - artista plástica paulista que vive e produz sua arte em Cuiabá/MT - buscar compreender o processo de criação artística como rede, tendo como aporte teórico as pesquisas de Cecília Salles.

O presente artigo configura-se como parte de uma dissertação¹ - ainda em processo - que versa sobre os novos formatos e materiais presentes na produção artística no estado de Mato Grosso com os objetivos investigar os processos de criação e localizar a produção local no cenário artístico contemporâneo nacional. Sendo assim o que é aqui apresentado trata dos primeiros apontamentos realizados a fim de compreender os processos de criação como rede e de perceber as transformações no decorrer das produções como características próprias à poética de cada artista e a toda uma época.

Uma poética para a contemporaneidade

Buscando condições para se pensar uma poética para a contemporaneidade, devemos inicialmente localizar e compreender quem a está produzindo e, ainda, em que contexto se realiza esta produção. Quem produz é alguém como eu e você, localizado e datado historicamente, que nasceu e desenvolveu-se em dado período e foi atravessado por inúmeros componentes (família, educação, meio ambiente, religião, artes, esportes, elementos fabricados pela indústria de mídia, cinema etc.) que contribuíram para a produção de sua subjetividade e para o desenvolvimento de maneiras muito próprias de resignificação e reorganização destes elementos individuais e coletivos. As maneiras encontradas por cada indivíduo para dar significado aos elementos que o constituíram, no caso dos artistas, geram anotações, cadernos, rascunhos, recortes, colagens. São

1 A dissertação citada tem o título provisório de: A incorporação de materiais de descarte e os novos modo de fazer na arte contemporânea. Realizará uma pesquisa com vários artistas mato-grossenses que se utilizam de novos formatos e variados materiais para sua produção a fim de possibilitar a análise de processos de criação que se utiliza destes recursos.



meios capazes de fazer com que as memórias não se percam, que elas fiquem guardadas podendo ser materializadas enquanto obra de arte em dado momento pelas mãos do artista.

A forma como o artista organiza-se mediante a intencionalidade de formar e se expressar constitui sua poética². Assim, pensando nesta poética contemporânea, na sua composição, podemos mencionar a fala de Pareyson (1997, p.11) onde a considera capaz de revelar a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época “A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte.”

No fazer artístico, é certo que o homem busca expressar-se. Expressar supõe, então, um fazer e um formar que só acontece no próprio fazer, “A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original. Nela concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando, já que a obra existe só quando é acabada, nem é pensável projetá-la antes de fazê-la e, só escrevendo, ou pintando, ou cantando é que ela é encontrada e é concebida e é inventada.” Pareyson (1997, p. 26). Assim, o fazer artístico é, então, um movimento autopoietico que pressupõe uma produção constante, um engendramento de singularidades. A obra de arte, sendo assim visualizada, não acontece a priori por um ou outro projeto do artista. A sua materialidade se constitui no momento de sua feitura, e mesmo que antes projetada, adquire uma autonomia que deriva, inegavelmente, do trajeto que o seu fazer solicita.

O artista

O artista ao produzir, ao selecionar os elementos e materiais constituintes de sua obra revela sua maneira de realizar a leitura e incorporação das características de seu tempo à sua produção, ou seja, o modo como ele retira do meio, elementos necessários a sua criação constitui mais do que elementos exteriores incorporados a obra, mas sim o resultado da relação dialética, autopoietica, estabelecida artista e meio, tendo em vista que a produção não ocorrerá se o artista não fizer parte do meio e o meio parte do artista. Sendo assim, a expressão do artista, materializada na forma de objeto de arte, revela a parte da sociedade, de seu contexto e vivência que o toca sensivelmente. Artista

2 Considerando as leituras realizadas em Pareyson, tem-se poética como um programa de arte, uma doutrina que se propõe traduzir em normas ou modos operativos um determinado gosto pessoal ou histórico.

e obra se confundem, se integram. Sua obra surge como o resultado do contato estabelecido em uma zona fronteira, limiar, assim como a pele que, segundo Flusser (1998, p.166) “[...] é aquela região indefinível, ambígua que separa o Eu do Não-eu, e que comunica entre ambos.”

“se ninguém pode transformar o outro ou a si próprio naquilo que não é, a autopoiese é o processo perene de criação, de auto-engendramento e de engendramento de intervalos que, em si mesmos, desencadeiam a processualidade. Autopoiese seria o processo através do qual o sujeito e o meio se criam um ao outro, se articulando simultaneamente, nem o sujeito nem o meio existindo a priori. Esta criação mutua manifesta-se nas transformações que sujeito e meio sofrem, simultaneamente, ao se afetarem um ao outro no desenrolar do processo, nos intervalos.” (FONSECA, 1998, p.32)

Para pensarmos um pouco sobre a complexidade dos processos de criação e relação do artista/meio/obra, faremos uma breve apresentação da artista Lara Donatoni Matana e algumas peculiaridades do processo de suas obras.



Lara Donatoni Matana

Fotografia: J. Tomaz, Rai Reis, Wersley Aguiar e Gustavo Adriano

Fonte: Portfólio 2007 . Lara Donatoni Matana . Arte e Consciência Ambiental

Paulista de coração Mato-Grossense Lara Donatoni Matana³ é uma artista que se propõem a ir além do horizonte capitado pelo olho humano. Lara cria um

3 Lara possui um ateliê/galeria em Cuiabá/Mt. Participou de mais de 20 exposições ente os eixos Cuiabá\São Paulo \ Rio de Janeiro e Curitiba e em fevereiro de 2011 foi convidada a expor na coletiva brasileira na França – “Caligrafia das artes Brasileira” em Bussy Saint Martin – Paris. Lara busca sempre ampliar seus conhecimentos em cursos livres e pesquisas pessoais.

universo que permeia a harmonia e a natureza deixando explícito em suas obras - onde utiliza de forma responsável, vibrante e inovadora - a matéria prima que vai desde lascas de madeira até toras e tocos. A artista tem sempre a preocupação de saber qual a história daquele, aparentemente simples, pedaço de madeira que em suas mãos se torna uma obra de arte com grande efeito visual. Mais que saber o porquê preocupa-se com a energia espiritual envolvida em cada lasca, talvez uma forma de poder se envolver de corpo e alma com suas obras e conseguir aproveitar o melhor de cada detalhe. Lara descobriu a arte aos 22 anos e não poderia imaginar uma trajetória tão significativa para arte contemporânea brasileira. Em 2007 a artista foi convidada a integrar a Academia Brasileira de Belas Artes que tem como patrono Henrique Bernadelli. Sua obra é uma criação de transformação eclética. Lara explica que “o projeto poético de um artista consiste na compilação de variantes fatores, internos e externos, sujeitos em questão no caminhar da construção de sua obra” Lara ainda comenta na entrevista cedida a revista (Camalote, 2012, p.20) que “a arte faz com que o homem limpe “a craca” quebre sua casca, e saia, permitindo que a sua natureza seja o que deva ser”. A artista ainda complementa dizendo que sua busca não vai parar.

A madeira é a matéria fundamental do trabalho de Lara Matana, e o modo pelo qual ela adquire este material, já traz indícios de sua poética. A madeira utilizada por Lara é, via de regra, toda ela fruto de descarte. Lara recolhe as madeiras que encontra descartada pelos trajetos que realiza, recebe ligações de pessoas que terão que realizar o corte ou poda de uma árvore. Muitas vezes, estas doações já trazem uma madeira carregada de subjetividade e algumas vezes, parte de madeira retorna aos antigos “proprietários” sob a forma de objeto de arte.



Exposição Lenho Corpo. SESC Arsenal, Cuiabá-MT, 2007

Fotografia: J. Tomaz, Rai Reis, Wersley Aguiar e Gustavo Adriano

Fonte: Portfólio 2007. Lara Donatoni Matana .Arte e Consciência Ambiental



A madeira esteja ela conservada ou deteriorada, é sempre utilizada no processo de criação. As “imperfeições” esculpidas pela natureza são valorizadas. O processo é lento, a madeira precisa estar seca, e enquanto a artista espera essa secagem que pode demorar anos, já é estabelecido um laço com este material que é cuidado com zelo pela própria artista. Lara tem ainda uma preocupação especial com os materiais que já apresentam sinais de deterioração. Utiliza ainda como material resíduos de indústrias madeireiras/moveleiras. Lara cria a partir de necessidades interiores, como todo artista, e também a partir da solicitação de trabalhos, contudo, não produz cópias de seus trabalhos e sim, novas leituras a partir de uma temática produzida. Como artista é também empresária, e está preocupada com a durabilidade das peças que comercializa, por isso, toda madeira passa por um rigoroso processo de tratamento. Lara divide-se entre criação, processo de produção, seleção de materiais, atendimento a clientes na loja, empresaria, professora de yoga e família

A obra de arte: processo de criação como rede

A obra de arte entregue ao público não se apresenta como objeto imóvel e acabado ao admitirmos isto, admitimos também o surgimento de uma inquietação que se volta para o momento anterior à sua concretização enquanto objeto artístico, ou seja, o momento de sua produção.

É certo que existem diferentes processos de desenvolvimento e construção de obras de arte - em qualquer uma de suas linguagens - e é na investigação de como esse percurso é realizado que está o interesse deste trabalho - em fase inicial de desenvolvimento - ao considerarmos que, a feitura da obra de arte “(...) é uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis (...).” (Pareyson, 1997, p. 26).

Nela concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando, já que a obra existe só quando é acabada, nem é pensável projetá-la antes de fazê-la e, só escrevendo, ou pintando, ou cantando é que ela é encontrada e é concebida e é inventada.” (PAREYSON, 1997, p. 26).

Sendo assim, como então acontece este formar? Sob que condições e com qual repertório de imagens e materiais o artista produz? A obra acontece e realiza-se no processo, e por isso nos interessa saber como é que este processo acontece. Para tanto, o estudo e o conhecimento do processo de criação é um percurso capaz de nos oferecer instrumentos para discussões acerca da poética



contemporânea, uma poética que não suporta classificações clássicas porque faz, do próprio fazer artístico, a obra.

Para nos ajudar neste percurso, buscamos amparo nas pesquisas realizadas por Cecília Salles que desenvolve primoroso trabalho em investigação de processos de criação. Salles iniciou seus trabalhos no campo da crítica genética e a partir desta base ampliou seus conceitos iniciais para diversas áreas de produção artística. Cecília trabalha a construção da obra de arte sob o ponto de vista de redes de criação. Cecília introduziu a noção de rede em seus trabalhos por entendê-la como indispensável à compreensão de diversas características marcantes que envolvem os processos de criação.

Incorporo deste modo, também o conceito de rede, que parece ser indispensável para abranger características marcantes dos processos de criação, tais como: simultaneidade de ações, ausência de hierarquia, não linearidade e intenso estabelecimento de nexos. Este conceito reforça a conectividade e a proliferação de conexões, associadas ao desenvolvimento do pensamento em criação e ao modo como os artistas se relacionam com seu entorno. (SALLES, 2008,p.17-18)

Entender a criação como rede pressupõe pensá-la de modo processual, aceitar a existência de uma intrincada e permanente relação obra/processo que mantém múltiplas relações que adquirem caráter mais complexo à medida que outras novas relações são estabelecidas.

Este percurso criativo de que falamos, que se dá de modo processual, em rede. Leva em consideração as macrorrelações que o artista estabelece com a cultura, traz vestígios das leituras que realiza de seu espaço e seu tempo, portanto é dinâmico. Sendo dinâmico admite o seu inacabamento da mesma forma que as relações do artista com a cultura ao longo de toda sua história se dão de forma inacabada. A construção de suas obras também se dá de forma inacabada e dinâmica.

Este sujeito atravessado pelo seu espaço e tempo constrói um repertório de sensações e imagens que constituem o repertório que estará presente durante seu processo de criação. As sensações e imagens que tem uma ressonância interior no artista, de uma maneira ou de outra, são registradas para que não se percam na memória. Estes registros se dão de modos variados. Cada artista desenvolve um modo próprio para fazer com que tais imagens, sensações, percepções possam ser utilizadas no seu processo de criação. São suas anotações, rascunhos, lembranças materializadas ou, se preferir, mediadas.

A utilização deste repertório anterior a obra ocorre em constante correlação com novas conexões que vão se estabelecendo ao longo do percurso natural e dos atravessamentos a que o artista se permite envolver. No momento da



criação as imagens atuais e aquelas guardadas são ativadas e estabelecem conexões complexas tomando materialidade na forma de objeto artístico.

Estes rabiscos, rascunhos e registros realizam conexões e atuam durante o processo de criação, refletir sobre este processo nos permite olhar para a obra de arte sob outro ponto de vista, um olhar interno à trajetória de criação estabelecendo relações pertinentes à obra de arte por uma perspectiva processual e de crítica de processo.

Como uma superação dos estudos propostos pela crítica genética que se limitam, de certo modo, a um olhar retrospectivo sobre o processo de criação, a crítica de processo, proposta por Salles busca compreender de modo mais profundo as complexas relações estabelecidas nas obras em seu processo. Este aprofundamento se dá ao passo que reconhecemos que a complexidade das relações entre obra e processo vai além dos bastidores registrados nos documentos dos artistas. Conforme Salles (2008, p.169), a crítica de processo adiciona à crítica genética “... uma dimensão prospectiva, oferecendo uma abordagem processual...” não se restringe a uma crítica da história da obra, mas busca adensar-se em aspectos mais gerais da criação que permitirá adentrar mais profundamente nas especificidades dos artistas estudados. O olhar direciona-se para a construção de uma obra que realiza densas conexões que ultrapassam a individualidade e são capazes de trazer aspectos que dizem respeito a aspectos gerais para a criação de toda uma época. Para as novas produções é necessário novas abordagens críticas, que considerem as obras como processuais. Os objetos não são mais estáticos, a obra se dá num permanente processo de rele não são mais de natureza particular e íntima.

Assim, este texto, ao realizar um esboço dos elementos que envolvem o processo de produção das obras da artista Lara Donatoni Matana faz alguns apontamentos de uma investigação inicial para posterior acompanhamento de seu processo de criação.

Ao falar de Lara, e destes primeiros vestígios de seu processo de criação, não podemos negar que esta forma de posicionar-se diante dos materiais, que são seus por escolha, não esteja repleta de referências, leituras e redes que foram estabelecidas pela artista e seu meio cultural ao longo de sua vida. A parte da cultura que a toca sensivelmente está à mostra em seus trabalhos, permeia a madeira, seu descarte e imperfeições como elementos que constituem marcadamente sua necessidade formal de expressão. A forma resultante deste processo de produção autopoietico não se esgota no formar do artista, a obra contemporânea necessita – mais do que as obras de outros tempos - de uma continuidade ao configurar-se como pronta somente no contato com o outro. Deste modo ela desenha-se a partir



e em direção à complexas redes de criação. O artista pressupõe o outro para a completude de sua obra, o que se dá até mesmo através do estranhamento, pelo desconforto inicial que suscita ao outro um novo olhar.

Referências

- CALABRESE, Omar. *A idade Neobarroca*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- COSTA, Cristina. *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- ECO, Umberto. *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 9ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- FLUSSER, Vilém. *Ficções Filosóficas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- [GUIMA 2012] Guimarães, Lauristela Citação da Revista Camalote, pg. 20, Revista Camalote eco&turismo, edição n. 44, ano IV. N. 02 de fevereiro de 2012
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. 2ªed. Vinhedo. Ed Horizonte, 2008.
- . *Arquivos de criação; arte e curadoria*. Vinhedo. Ed Horizonte, 2010.
- . *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- . *Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos dos processos de criação artística*. 3ª Ed. São Paulo: Educ, 2008.

Minicurrículos

Renata Carvalho Oliveira Zambom é mestranda Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCo, pesquisadora do Grupo de pesquisa Estudos de Mídia e Cultura – EmiC e professora do departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso.



Naiara Cristina Gonçalves Rocha é mestranda do programa de Estudos da Cultura Contemporânea ECCO - UFMT. Graduação em Comunicação Social Hab. Radio e TV pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Muryllo Rhafael Lorensoni é mestrando do programa de Estudos da Cultura Contemporânea ECCO - UFMT. Especialista em Gestão de Moda pela Universidade Paranaense. Possui Licenciatura Plena em Letras - Português e Inglês pela Universidade Anhanguera Uniderp (2010) e graduação em Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda pela Universidade Paranaense (2008). Atualmente é professor do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico Cândido Rondon e professor substituto da Universidade Federal de Mato Grosso.

ISSN 2316-6479